

PERES, Phyllis, *Transculturation and Resistance in Lusophone African Narrative*. Gainesville, FL: The University Press of Florida, 1997.

Margarida Calafate Ribeiro*
Paulo Pereira**

Transculturation and Resistance in Lusophone African Narrative de Phyllis Peres constitui um estudo notável da narrativa angolana contemporânea e do seu impacto na imaginação da nação. A autora conduz habilmente o leitor, desde as primeiras manifestações dos movimentos de libertação que põem em questão o colonialismo português nos finais da década de 50, até ao rescaldo da longa guerra civil que sobreveio à independência e que teve o seu início em 1975.

Apesar dos estudos pioneiros de autores de créditos firmados como Gerald Moser, Russell Hamilton, Manuel Ferreira, Alfredo Margarido, Eugénio Lisboa ou Salvato Trigo e dos contornos inovadores das literaturas africanas de língua portuguesa, quer a bibliografia crítica de língua portuguesa, quer as traduções de estudos sobre estas literaturas revelam-se pouco numerosas. No entanto, os estudos críticos hoje disponíveis indiciam claramente a consciência da importância da literatura na luta pela liberdade enquanto "acto de cultura", assim como, sobretudo em obras mais recentes, o seu papel central na projecção do imaginário da nação. Constituem exemplos desta orientação os estudos reunidos em *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*¹, *Les Littératures Africaines de Langue Portugaise. À la Recherche de l'Identité Individuelle et Nationale*², a obra *Coscienza*

* King's College Londres/ Praxis XXI

** Universidade de Aveiro

¹ *Literaturas Africanas de Língua Portuguesa*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.

² *Les Littératures Africaines de Langue Portugaise. À la Recherche de l'Identité Individuelle et Nationale*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, 1984.

³ *Coscienza Nazionale nelle Letterature Africane di Lingua Portoghese. Atti del Convegno Internazionale, Milano 13-14 Dicembre 1993*, Ed. by Piero. Ceccucci, Roma: Bulzoni Editore, 1995.

*Nationale nelle Letterature Africane di Lingua Portoghese*³ e alguns aspectos do estudo de Patrick Chabal, *The Postcolonial Literature of Lusophone Africa*⁴. *Transculturation and Resistance in Lusophone African Narrative* prossegue esta área de investigação acrescentando vários aspectos inovadores: em primeiro lugar, trata-se de um estudo que assume explicitamente um espírito interpretativo que o distancia de uma mera revisão do estado da questão que ainda define grande parte da bibliografia crítica sobre literaturas africanas de língua portuguesa, ressaltando, no entanto, os notáveis estudos que sobretudo a partir dos anos 90 começaram a marcar uma presença incontornável; em segundo lugar, a autora aplica, de modo original e rigoroso, os fundamentos teóricos dos estudos pós-coloniais ao contexto histórico-literário da produção literária angolana, o que lhe permite várias interpretações estimulantes e inovadoras; por fim, o livro assinala o primeiro estudo aprofundado sobre o tema da narrativa angolana enquanto espaço de construção do imaginário da nação, factor que garante a sua especificidade. A autora inicia o estudo com um capítulo introdutório, ao qual se segue a análise da obra de quatro dos mais importantes autores angolanos. Os primeiros três autores seleccionados iniciaram as suas representações imaginárias da nação no movimento nacionalista e de luta pela independência: Luandino Vieira, o nome emblemático da literatura de resistência angolana, cuja estratégia contra-narrativa do discurso colonial da aculturação afirma a literatura nacional sob uma perspectiva temática e estética; Pepetela, agraciado com o Prémio Camões, o mais importante galardão do mundo lusófono, e que tem sido uma das vozes mais coerentes e originais da imaginação da nação, desde as suas primeiras obras publicadas na década de 70, até à sua obra-prima de 1992, *A Geração da Utopia* e *Uanhenga Xitu*, cujos relatos da luta pela independência recuperam práticas tradicionais das áreas rurais e nos quais personagens subversivas contrariam as visões europeias do Outro a partir das próprias inconsistências e ambiguidades do discurso colonial. O último autor estudado é Manuel Rui, ao qual se devem algumas das mais importantes narrativas do período pós-independência. Assinale-se também que a estratégia interpretativa de Phyllis Peres recorre frequentemente a pertinentes e iluminadoras comparações entre as obras dos diferentes autores.

No primeiro capítulo, Peres descreve o contexto histórico subjacente à narrativa angolana contemporânea e apresenta a fundamentação teórica indispensável para a compreensão da literatura de

³ Patrick Chabal & Allii, *The Postcolonial Literature of Lusophone Africa*. London: Hurst & Company, 1996.

resistência e dos estudos pós-coloniais. A autora destaca a importância da década de 50 como o período em que se esboça a primeira tentativa politicamente organizada de questionamento do colonialismo português em Angola. O “descobrimento de Angola” pelo regime ditatorial português resultou num conjunto de reformas cosméticas, através das quais o Estado Novo esperava adaptar uma ideologia colonial conservadora aos “ventos de mudança” propiciados pelo fim da Segunda Guerra Mundial e pelo movimento de descolonização subsequente, motivando, desse modo, a diluição das fronteiras entre o império português e a imaginada nação pan-lusitana. Contudo, para os nacionalistas angolanos contemporâneos da Geração de 50, também eles empenhados no “descobrimento de Angola”, a fronteira a questionar não era a que dividia o império da metrópole, mas antes, como Phyllis Peres refere, a que separava a colónia da nação livre imaginada. A “reconversão cultural”, nas palavras de Amílcar Cabral, empreendida pelos nacionalistas angolanos, representa a contrapartida política e cultural de uma nação delineada há vários séculos durante os Descobrimentos portugueses e nordeada por atitudes culturais e políticas de cariz imperialista. No âmbito deste processo político e cultural protagonizado pelos nacionalistas angolanos, dois movimentos (e conceitos) resistência e transculturação revelam-se essenciais e são precisamente estes que vão orientar as leituras da narrativa angolana contemporânea que Phyllis Peres desenvolve.

O conceito de transculturação revela-se particularmente útil para o presente estudo, uma vez que, como refere a autora, fornece o quadro de referência intelectual que viabiliza a compreensão do processo por meio do qual as narrativas angolanas procederam simultaneamente à apropriação e transformação do discurso português dominante em torno da expressão de uma literatura nacional. Opõe-se, deste modo, ao posicionamento explícito na aculturação colonial que assume uma tensão estática entre a cultura indígena e o código metropolitano. A transculturação assume o dinamismo e a fluidez, por mais tensa, híbrida ou ambígua que se revele a sua manifestação. A descrição de Bhabha do hibridismo que caracteriza o ambiente colonial é outro dos conceitos-chave da análise a que a autora procede das narrativas da nação na Angola contemporânea, sobretudo porque o hibridismo exprime a ambiguidade perturbadora do limiar que caracteriza o estado de tensão entre colónia e espaço-nação imaginado. Esse espaço limiar é o cenário de violentas negociações de hibridismo a zona de contacto que Louise Pratt refere nos estudos que dedicou às narrativas de viagem imperiais ⁵ que inevitavelmente emergiram nas

⁵ Mary Louise Pratt, *Imperial Eyes*, London: Routledge, 1992.

textualizações da nação angolana. A autora advoga que a negociação do hibridismo cultural reveste significado acrescido se for perspectivado como parte integrante do processo de transculturação. A transculturação constitui, assim, simultaneamente uma forma de resistência tipificadora do contexto colonial e uma modalidade do processo de hibridação num plano abstracto.

O segundo capítulo é consagrado a Luandino Vieira, uma influência determinante em toda uma geração de escritores angolanos. Segundo a autora, nas narrativas de Luandino Vieira, a cidade de Luanda constitui o centro de uma identidade nacional colectiva e potencial. Phyllis Peres fundamenta esta suposição na geografia da cidade colonial de Luanda através da análise das narrativas de Luandino e incidindo particularmente em *Luuanda*. Tal como sugere o título (em Kimbundu), nos relatos de *Luuanda*, Luandino Vieira reclama uma posição central para a parte africana da cidade, a cidade dos *musseques*, tradicionalmente considerada em contraposição à cidade colonial. Estas narrativas representam a reivindicação da periferia, um acto de evidentes projecções políticas em contexto colonial. Como demonstra a autora, para Luandino Vieira, a narração da nação é uma prática transcultural, por meio da qual o autor reclama igualmente campo discursivo pela invenção de formas literárias angolanas híbridas. Através da introdução da *estória* isto é, da textualização do discurso oral ou, tal como o próprio Luandino Vieira explicou à autora, “de algo que foi contado e que eu estou agora a contar e que será contado outra vez” (p. 23) e do recurso a neologismos, as narrativas de Luandino Vieira oferecem uma construção imaginária transcultural de Angola. Enquanto signo de resistência e transculturação, a *estória* representa a metáfora da construção da nação como espaço aberto e dinâmico, em que as *estórias* da nação angolana, os seus passados imaginados e os seus futuros possíveis podem ser narrados.

O terceiro capítulo aborda a obra de Uanhenga Xitu. Para Xitu, narrar a nação angolana é imaginar identidades híbridas das periferias rurais fora de Luanda. Como refere a autora, este projecto narrativo assenta nas estratégias subversivas da imitação paródica e da farsa. Apoiando-se nos conceitos de imitação e de hibridação de Bhabha e no conceito dos espaços de encontros coloniais como “zonas de contacto” de Pratt, Phyllis Peres analisa o poder subversivo da imitação paródica do discurso colonial nas narrativas de Xitu, concluindo que os textos do autor ilustram a impossibilidade de produção de um contra-discurso puro, dado que este foi já formulado na zona de contacto. A paródia, por outro lado, é sempre subversiva quer ocorra em linguagens e formas literárias aculturadas ou nas linguagens

híbridas que emergem nas margens do colonialismo.

O quarto capítulo centra-se na obra de Pepetela. Aqui, a autora analisa a visão da nação como um espaço utópico no percurso literário de Pepetela, desde o sonho da revolução ao mais profundo desencanto. Na secção “Praxis, Camarada, Praxis”, insiste-se na importância das obras de Pepetela vindas a lume nos anos 70. As *Aventuras de Ngunga* e *Mayombe* onde a utopia era projectada na revolução que inventaria Angola a partir de um espaço que nunca fora uma nação constituem relatos da luta pela liberdade. Os romances do período pós-independência são objecto de estudo em duas secções: “Back to the Futures” e “The Generation of Utopia”. A autora assinala o questionamento que Pepetela dirige ao poder transformador da revolução. Em “Back to the Futures” são referidos romances como *Yaka* ou *Lueji*, em que as visões utópicas se confinam a um passado histórico inseparável da imaginação do futuro da nação. A última secção centra-se numa obra que corrobora a argumentação da autora *Geração da Utopia*. Neste romance, Pepetela relata o itinerário da sua geração: a imaginação utópica, por mais controversa que tenha sido, do sonho da nação na década de 60 que conduziu à desilusão e ao conceito de uma nação adiada. Phyllis Peres conclui que os romances de Pepetela são contra-narrativas da nação porque o questionamento daquela estende-se à própria viabilidade da nacionalidade, nessa acepção de espaço híbrido e diferença cultural. À semelhança do que acontecia com a *estória*, a narração da nação permanece aberta.

No quinto capítulo, a autora aborda a trajectória literária de Manuel Rui, desde o seu compromisso com os momentos eufóricos da nacionalidade decorrentes da revolução em *Sim Camaradas!* (1977) onde a nova *estória* a ser transmitida de geração em geração é a da revolução à visão desencantada e irónica de uma nação em que a causa da revolução foi traída, como em *1 Morto & os Vivos* (1993). Como nota Phyllis Peres, mesmo nos seus primeiros romances, Manuel Rui assume as ironias do pós-colonialismo. De modo inovador, antecipam a imaginação futura da nação produzida pela nova geração de *pioneiros*, nas suas histórias de luta, revolução e euforia nacional. Trata-se de histórias traídas pelas personagens que, nas obras mais recentes de Manuel Rui, representam a nova classe dirigente que conquistou a independência, mas não a nação. Nos seus últimos romances, a ironia é mitigada pelo desencanto e não pela euforia. Como conclui a autora, o discurso presente da nação revela uma condição que está longe de ser libertadora ou útil: a revolução devorou os seus filhos.

No último capítulo, Phyllis Peres conclui que a libertação nacio-

nal em Angola representou, de facto, um “acto de cultura”, uma reivindicação de um campo reservado ao sujeito colonizador que fez deslocar a perspectiva marginalizada do colonizado para o centro de um novo espaço-nação. Todavia, a partir do momento em que a periferia se tornou centro, a identificação de sujeitos nacionais não obliterou a independência política. Esta negociação em curso constitui ela própria um “acto de cultura” que fractura as falsas fronteiras neo-coloniais entre colonialismo e pós-colonialismo. Na Angola da contemporaneidade, a história condena ao fracasso todas as imaginações possíveis da nação e os autores optam pelo silêncio, como Luandino Vieira; pela auto-paródia, como Uanhenga Xitu; ou, de modo mais criativo, por um espaço irónico matizado pelo desespero, como Pepetela e Manuel Rui, ambos tentando manter vivo o sonho de nacionalidade que parece ter sido (temporariamente) diferido, mas que pode ainda ressurgir das ruínas desalentadas da revolução. Tal como na *estória* oral, este espaço permanece aberto. No seu seio, os escritores angolanos podem explorar os limites entre o que Angola tinha sido, foi e sonhou ser. Aqui, é possível continuar a negociar o terreno desse espaço-nação imaginado, mesmo se a história parece derrotar o sonho da nação.

O estudo de Phyllis Peres, *Transculturation and Resistance in Lusophone African Narrative*, constitui uma viagem fascinante através da narrativa angolana contemporânea e do seu projecto de “narrar a nação”. Torna-se, portanto, um contributo indispensável para especialistas de Estudos da África Lusófona, Luso-Brasileiros e Portugueses. Os investigadores nos domínios de Estudos Coloniais e Pós-Coloniais e de Literatura Comparada aí encontrarão igualmente ampla matéria de reflexão. É assim vivamente recomendável uma tradução portuguesa deste magnífico estudo.